

OBSERVAÇÕES SOBRE O VERBO *ficar* EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Observations on the verb ficar in Brazilian Portuguese

Maria Cristina Figueiredo Silva¹

figueiredosilvamc@gmail.com

RESUMO: Este *squib* pretende fazer uma descrição das construções com *ficar*, tendo por base o conhecimento que temos construído em linguística teórica sobre aspecto. Ao discutir a natureza de *ficar* nas construções de que participa, esperamos lançar luz sobre o uso desse verbo em geral no português brasileiro (doravante PB). A ideia aqui é confrontar várias análises que já foram propostas para esse item lexical no sentido de encontrar para ele uma explicação consistente teoricamente e coerente com outros fatos da língua.

PALAVRAS-CHAVE: verbo *ficar*; aspecto verbal; português brasileiro (PB).

ABSTRACT: This *squib* aims to describe constructions with *ficar*, based on the knowledge we have built up in theoretical linguistics about aspect. By discussing the nature of *ficar* in the constructions in which it participates, we hope to shed light on the use of this verb in general in Brazilian Portuguese (henceforth BP). The idea here is to compare several analyzes that have already been proposed for this lexical item in order to find an explanation for it that is theoretically consistent and coherent with other facts of this language.

KEYWORDS: verb *ficar*; verbal aspect; Brazilian Portuguese (BP).

1. O PROBLEMA

O verbo *ficar* é um verbo bastante interessante, já porque no dicionário há coisa de uma dúzia de significados possíveis para ele, alguns bastante similares (como ‘permanecer’ e ‘restar’), outros bem mais distantes (como ‘deter-se, parar’, ‘tornar-se’ e ‘obter o resultado’); e, embora em geral haja exemplos, não há indicação clara de como esses significados se relacionam entre si ou com a sintaxe das diferentes construções em que ele aparece. Sim, não dá pra esperar tanto de um dicionário...

Esse *squib* pretende examinar algumas das possibilidades de construção com *ficar* em português brasileiro (doravante PB), avaliando se é possível oferecer uma

¹ Doutora em Linguística; professora titular aposentada da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

análise uma para ele e ao mesmo tempo relacionar suas diferentes interpretações com as diferentes sintaxes frasais de que ele participa. Dito de outro modo, estamos querendo testar a hipótese de uma interpretação de tipo estrutural para esse verbo, que alinhe as diferentes construções sintáticas em que ele aparece às diferentes interpretações possíveis que *ficar* pode ter. Será que isso é possível?

Para responder essa questão, na próxima seção apresentamos um pouco do que produziu a literatura linguística recente sobre o verbo *ficar*, começando com uma descrição da sua distribuição. A seção seguinte discute certas análises e seus limites; este *squib* termina tentando extrair algumas conclusões deste estudo e, evidentemente, apresentando as referências bibliográficas usadas para a discussão.

2. UMA DESCRIÇÃO PARA *FICAR* NA LITERATURA LINGUÍSTICA

Qualquer manual de sintaxe descreveria verbos com o comportamento de *ficar* como inacusativos que, como *parecer* ou *ser*, têm a possibilidade de selecionar complementos de diferentes tipos categoriais. Assim, *ficar* pode selecionar²:

- (1)
 - a. Uma SC locativa que pode ser preposicional, como em (2a);
 - b. Uma SC adjetival, como em (2b);
 - c. Um PartP, como em (2c);
 - d. Um GerP, como em (2d);
 - e. Uma combinação de (a) e (d), como vemos em (2e);
 - f. Um DP, como o de (2f).

- (2)
 - a. A farmácia fica na esquina.
 - b. O João ficou orgulhoso da Maria.
 - c. O rapaz ficou enamorado pelos olhos da moça.
 - d. Eu fiquei assistindo o debate até uma da matina.
 - e. Eu fiquei em casa estudando para a prova.
 - f. A casa ficou uma bagunça depois da festa.

² Uma breve explicação para as siglas usadas aqui: SC está por *Small Clause*, um tipo de estrutura de predicação que não envolve um verbo – nos exemplos, as SCs envolvem sintagmas preposicionais locativos e sintagmas adjetivais; PartP é a categoria que projeta a forma participial de um verbo, que aparece também em construções passivas; GerP é a categoria responsável pela forma gerundiva de um verbo, também presente nas construções progressivas com *estar* em PB; e DP, o sintagma determinante, é como vamos nos referir a todos os sintagmas que possuem um nome como núcleo.

O uso locativo de *ficar* parece ser a sua fonte lexical, isto é, o contexto gramatical em que os estudos tradicionais o classificariam como verbo intransitivo; possivelmente, esse é o uso mais próximo do significado original do verbo em latim vulgar (*figere*, que significava ‘fixar’), que deu origem a *ficar* em português. Mas os usos ditos gramaticalizados de *ficar*, como auxiliar ou verbo de ligação, nos termos da terminologia tradicional, já estão consolidados – veja-se, por exemplo, o estudo de Castilho e Fernandes (2012) sobre o português paulista dos séculos XIX e XX.

Há que se notar que, em contextos locativos, *ficar* e *ser* são absolutamente intercambiáveis – talvez *ficar* sendo a opção para que a sentença soe mais informal:

- (3) a. A farmácia é na esquina.
b. A farmácia fica na esquina.

Essa proximidade é um tanto surpreendente, porque em contextos adjetivais, a proximidade de *ficar* é com *estar*: nesse contexto gramatical *ficar* tem preferência por adjetivos que expressem predicados de estágio (*stage level predicates*) – os predicados de indivíduos (*individual level predicates*) soam marcados:

- (4) a. A Maria está grávida.
b. A Maria ficou grávida.
c. ?* A Maria está inteligente.
d. ?? A Maria ficou inteligente.
e. ? A Maria está alta.
f. A Maria ficou alta.

Essa semelhança na seleção que *estar* e *ficar* exibem (exigindo a presença do traço [+estágio] no complemento quando em contexto adjetival) explica por que *ficar*, como *estar*, não pode aparecer em sentenças como as de (5), que exigem o verbo *ser*:

- (5) a. O homem *ficou/*está/^{ok} é culpado.
b. O homem *ficou/*está/^{ok} é católico/protestante/judeu.
c. Essa reação *ficou/*está/^{ok} é inesperada.

Nota-se, contudo, uma diferença clara de interpretação entre *estar* e *ficar*: enquanto as sentenças com *estar* assertam sobre um estado, as sentenças com *ficar* parecem assertar sobre uma mudança de estado ou, mais precisamente, sobre o estado que resulta de uma mudança – e talvez por isso mesmo o pretérito perfeito seja o tempo verbal com as especificações aspectuais mais adequadas para *ficar*, mas é o presente do indicativo que contém as especificações aspectuais que *estar* prefere.

Há casos que resistem a essa explicação: embora em princípio certos predicados adjetivais sejam compatíveis apenas com *ser*, como é o caso de estados civis, é verdade que eles também podem ocorrer com *estar*, como vemos em (6). Supreendentemente, eles também são compatíveis com *ficar*, mas com diferentes interpretações – em contextos *out-of-the-blue*, isto é, com as frases ditas “de sopetão”, a melhor paráfrase para (7a) é (7b) e a melhor paráfrase para (7c) é (7d):

- (6) a. O Pedro é solteiro.
b. O Pedro está solteiro.
c. O Pedro é viúvo.
d. O Pedro está viúvo.
- (7) a. O Pedro ficou solteiro.
b. O Pedro permaneceu solteiro.
c. O Pedro ficou viúvo.
d. O Pedro se tornou viúvo.

Esse é um primeiro exemplo de que a hipótese mais ingênua de relação entre estrutura e significado de *ficar* não se sustenta em todos os casos.

O contexto gramatical em que os estudos tradicionais classificariam *ficar* como um verbo auxiliar está exemplificado em (8a), que retoma (2d), onde *ficar* acompanha um verbo no gerúndio; (8b), que retoma (2e), e (8c) colocam uma questão não trivial sobre qual é a análise que deve ser dada para a construção que tem um locativo explícito e um gerúndio juntos, se é que (8b) e (8c) são sinônimas – claramente a estrutura informacional das sentenças é distinta, mas as condições de verdade delas possivelmente são as mesmas:

- (8) a. Eu fiquei assistindo o debate até uma da matina

- b. Eu fiquei em casa estudando para a prova.
- c. Eu fiquei estudando para a prova em casa.

Aqui, no entanto, parece que a contribuição semântica do verbo *ficar* é sempre a mesma: ele aceitaria facilmente a troca por *permanecer*. Contudo, nem sempre é esse o caso, porque *ficar* em (9) abaixo não se deixaria parafrasear pelo mesmo verbo:

- (9) Eu fiquei sendo a maior cdf da escola.

Finalmente, *ficar* parece se combinar com DPs, como mostrou (2f), mas esse DP é de um tipo bastante particular. Observemos os exemplos em (10):

- (10) a. A casa ficou *uma bagunça* depois da festa (=2f)
b. Essa menina ficou *uma princesa* (com essa roupinha).
c. A minha prima ficou *a maior gata* (depois que cresceu).

Não há como negar o parentesco entre os DPs em itálico em (10) e os adjetivos – o DP em (10a) pode mesmo assumir a forma adjetival (*uma bagunça* = *bagunçada*), mas mesmo sem a correspondência com um adjetivo, é claro que esses DPs não têm aqui a interpretação referencial (que um nome próprio tem, por exemplo), mas antes devem ser interpretados como propriedades a serem atribuídas aos verdadeiros DPs das sentenças – o DP sujeito, este sim com interpretação referencial. E em todos esses casos a contribuição de *ficar* parece ser a de estado resultativo.

Há muitos trabalhos que discutem *ficar* na literatura linguística recente, a partir das mais diversas perspectivas teóricas. Uma primeira descrição dos fatos ligados a *ficar* bem na linha da nossa primeira hipótese pode ser resumida no que se vê em Trautwein (2013: 56), para quem *ficar* é um verbo bastante peculiar porque exibe um valor aspectual quando combinado a SCs e outro quando combinado a um sintagma verbal, com ou sem auxiliares: em (11a,b) – exemplos (72a,b) da autora –, *ficar* veicula a ideia de “mudança de um estado X a um estado pós-X”:

- (11) a. Maria ficou cansada.
b. Maria ficou uma princesa.

enquanto em sentenças como (12a,b) – exemplos (73a,b) da autora – *ficar* “parece marcar um intervalo de tempo maior, intervalo que daria continuidade ao estado anterior em um novo intervalo temporal”:

- (12) a. Maria ficou chorando.
b. Maria ficou sendo a empregada por anos.

Embora seja nosso desejo encontrar correlações entre interpretações e construções sintáticas, esse emparelhamento estrito sugerido pela autora não se sustenta nos dados, como vimos anteriormente na discussão sobre os exemplos (6) e (7). Portanto, parece que não é simplesmente a construção sintática que induz uma determinada interpretação, embora seja curiosa a alta incidência de uma ou outra interpretação num ou noutro tipo de construção sintática.

Num trabalho de cunho não formalista, Travaglia (2016: 215ss) defende que as perífrases com *ficar* exibem pelo menos três possibilidades de leitura para esse verbo:

(i) *ficar* significa ‘permanecer ou conservar-se em determinada situação’, uma interpretação que pode aparecer tanto em construções participiais quanto gerundivas, casos em que a perífrase marca o aspecto durativo; aqui, o particípio vale por um adjetivo, nas palavras do autor. Os exemplos vão em (13a,b) a seguir, extraídos de Travaglia (2016: 216); e, para que não reste dúvida sobre a leitura que *ficar* veicula nesses exemplos, (13b) merece uma versão no pretérito perfeito:

- (13) a. Selma ficou parada³ na porta até que a notassem.
b. Você fica olhando as crianças enquanto eu vou fazer compras.
c. Você ficou olhando as crianças enquanto eu fui fazer compras.

(ii) *ficar* significa ‘tornar-se’, ‘vir a estar em determinada situação’ (geralmente um estado); neste caso, abundam exemplos com construções participiais, como (14a), ainda que a construção com gerúndio seja possível desde que o verbo principal seja um “verbo estático não de estado”, exemplificado em (14b) a seguir – os exemplos foram extraídos de Travaglia (2016: 218-219):

³ O uso deste verbo lexical compromete um pouco a argumentação do autor.

- (14) a. Meu cachorro fica apavorado quando ouve os estouros dos fogos de artifício.
b. Arquibaldo ficou sabendo de tudo.

Nota ainda o autor que, nesta segunda acepção de *ficar*, o valor aspectual final da construção independe da perífrase, mas se deve à flexão verbal ou a outros elementos de cunho adverbial presentes na sentença – a sua análise para (14a) é a de que temos uma interpretação aspectual imperfectiva, não acabada, habitual, credora do presente do indicativo e da oração temporal encabeçada por *quando*.

(iii) o verbo *ficar*, na condição de auxiliar, marca a iteração da situação; esta interpretação só é compatível com a construção gerundiva e pode ser exemplificada por sentenças como as que temos em (15), extraídas de Travaglia (2016: 219):

- (15) a. O Celso ficou escrevendo para a revista até lhe darem uma resposta.
b. Se você ficar indo à beira do rio, nunca mais deixo você passear na fazenda.

É preciso reconhecer que a descrição oferecida por Travaglia (2016) é mais completa e precisa do que a fornecida por Trautwein (2013), já que contempla um número maior de combinações entre significados e construções gramaticais existentes. Contudo, é notável aqui uma confusão entre aspecto lexical (quando o autor fala de “verbo estático não de estado”) e aspecto gramatical (quando fala de “interpretação imperfectiva, não acabada, habitual”). Portanto, nossa primeira providência deve ser a de isolar esses dois fatores, e um modo de fazer isso é trabalhar com apenas um tempo verbal – o pretérito perfeito, para o qual temos uma descrição de aspecto gramatical relativamente bem estabelecida, que é a do aspecto perfectivo. Evidentemente, não vai ser possível ignorar as interações entre esse aspecto gramatical e os diferentes aspectos lexicais exibidos pelos diferentes complementos de *ficar*, mas pelo menos controlamos minimamente essa variável. Além disso, não se sabe por que razão *ficar* teria uma interpretação deste ou daquele tipo nos diferentes exemplos – e já está claro que não é apenas uma questão de tipo categorial do complemento. O que poderia ser responsável por essa alternância semântica de *ficar*?

Tomar *ficar* como um inacusativo não diz nada *a priori* sobre o tipo exato de seleção que ele faz de seu complemento, que é, em última análise, o problema que enfrentamos aqui. Precisamos olhar para os subtipos de inacusativos então. Faria diferença dizer que *ficar* é um verbo auxiliar ou é um verbo aspectual? Como se definem esses dois tipos de verbos?

Wachowicz (2007: 224) observa que, semanticamente, o que os auxiliares fazem é denotar uma eventualidade e estabelecer uma relação de inclusão entre os verbos – em (16a), *estar* abre um intervalo de tempo durativo dentro do qual o intervalo denotado por *estudando* está incluído. Por outro lado, aspectualizadores são mais como operadores sobre eventualidades, denotadas pelo complemento, estabelecendo aqui uma relação de restrição – em (16b), *começar a* seleciona o evento *preparar o jantar* e restringe sua denotação para a primeira parte dele.

- (16) a. João está estudando.
b. João começou a preparar o jantar.

Wachowicz (2007: 227) cita Verkuyl (1999, p. 82-92), que elenca um conjunto de verbos em inglês que se comporta como verbos aspectualizadores, no sentido de esses são verbos que operam no intervalo de tempo denotado pelo verbo principal restringindo sua denotação; a lista contém *begin*, *stop*, *finish*, *complete*, ***keep*** e *continue*. Ora, *keep* é uma boa tradução para pelo menos uma acepção de *ficar*...

Os testes sintáticos que Wachowicz (2007: 229) apresenta parecem confirmar a intuição por trás dos estudos tradicionais, que alinham *ficar* a *ser* ou *estar*; um teste clássico, já avançado em Lobato (1975: 55), é impossibilidade de negação do verbo principal no caso das construções com auxiliares, mas não com aspectuais:

- (17) a. *? A Maria está não concorrendo (mais) ao prêmio.
b. A Maria continuou não concorrendo (mais) ao prêmio
c. *? A Maria ficou não concorrendo (mais) ao prêmio.

A agramaticalidade de (17c) nos levaria a assumir que *ficar* é um auxiliar, pelo menos na construção gerundiva aqui testada. Contudo, a alternância de interpretação que as construções com *ficar* exibem não é comum aos verbos indiscutivelmente auxiliares, como *ser*, *ter* ou *ir*. E, pior: pelo menos no caso da interpretação

resultativa que *ficar* impõe sobre seu complemento, estamos mais perto da operação de restrição sobre a denotação efetuada pelos verbos aspectuais do que da simples relação de inclusão entre intervalos temporais implementada pelos auxiliares.

Assim, somos levados a considerar também a hipótese de que *ficar* é um verbo aspectual, com um tipo de operação única e particular, mas não tão evidente como aquela de *começar a*. No melhor dos mundos, essa hipótese nos fornecerá algum indício de qual é a contribuição semântica que *ficar* traz nas diferentes construções de que participa e de como a sua interpretação final é fruto de uma conta de chegada em que entra pesadamente algum aspecto semântico dos seus complementos. Será?

3. É POSSÍVEL UMA ANÁLISE UNIFICADA PARA *FICAR*?

Esse desejo de avançar uma análise única para *ficar* já apareceu na literatura linguística. Bertucci (2020), por exemplo, afirma que *ficar* é sempre o mesmo verbo – um aspectualizador com características específicas: a combinação de *ficar* com gerúndios ou participípios denotará uma eventualidade que “permanece no intervalo relativo ao momento de referência” e é exatamente essa “permanência num intervalo específico que dispara a leitura estativa das sentenças com *ficar*”; a leitura de mudança de estado será fruto da “semântica do predicado no participípio, que pressupõe um evento anterior que causou a mudança” (p. 191). Dito de outro modo, as diferentes leituras que *ficar* veicula são fruto do caráter composicional da interpretação, que considera também as características semânticas dos predicados com os quais *ficar* se combina, seja na forma gerundiva ou participial.

E exatamente por inserir essa “perspectiva de duração temporal própria de estados e relativa a um momento de referência” (p. 176) na interpretação final da construção, é de se esperar que *ficar* imponha algum tipo de restrição de seleção sobre o *aktionsart* do seu complemento ou, pelo menos, force certas leituras para ele.

As classes aspectuais são definidas por Bertucci (2020) nos termos vendlerianos clássicos, partindo das propriedades básicas [\pm fases] e [\pm telos]: os estados descrevem eventos que não exibem fases nem culminação natural; *achievements* não têm fases, mas culminam (com uma mudança de estado instantânea); as atividades exibem fases mas não existe culminação espontânea; e finalmente os *accomplishments* exibem fases e culminação.

Essa hipótese faz previsões interessantes sobre o que deve acontecer quando *ficar* se combina com complementos de diferentes tipos aspectuais; por exemplo, o resultado deve ser ótimo se se combinar com um complemento gerundivo denotando atividade, porque atividades são perfeitamente compatíveis com expressões durativas, já que possuem fases que podem se suceder em todo o intervalo de permanência do estado. Por outro lado, se o complemento denotar um estado, ele será mais facilmente compatível com a forma participial, que é perfectiva e assim pode se referir ao evento todo. Exemplos dessas previsões aparecem em (18) a seguir:

- (18) a. O Pedro ficou correndo (por cinco horas)
b. O Pedro ficou apavorado (com o barulho)

Achievements devem permitir leitura iterativa para serem aceitos na complementação de *ficar*, como mostra o contraste em (19):

- (19) a. O Pedro ficou pondo e tirando o casaco (a tarde toda).
b. *O Pedro ficou morrendo (a tarde toda).⁴

Por seu turno, os *accomplishments* devem ser detelicizados, isto é, para serem compatíveis com a noção de permanência que, por hipótese, *ficar* imprime na perífrase, o ponto de mudança que eles exigem em direção à completude deve ser apagado; mesmo frente a uma sentença télica, perfectiva, o alcance do telos não está garantido. Os exemplos adaptados de Bertucci (2020: 195-6) ilustram esse ponto:

- (20) a. João leu o livro em duas horas (*mas não terminou).
b. João ficou lendo o livro por duas horas.⁵
c. João ficou lendo o livro a tarde toda, mas não terminou.

Embora o predicado *ler o livro* seja um *accomplishment*, como mostra a gramaticalidade de (20a) e, portanto, com um telos dado (o momento do final da

⁴ A sentença é irrelevantemente gramatical se *morrer* for entendido como *agonizar*, que não é um *achievement*. Em um sentido mais figurado, a sentença pode receber a leitura iterativa se o Pedro estiver jogando um jogo de videogame em que seu personagem morreu uma série de vezes – agradeço a Gabriel Othero (c.p.) que chamou a minha atenção para esse fato.

⁵ Observe que um *accomplishment* na perífrase *ficar* no pretérito perfeito + verbo gerundivo se comporta como um verbo de atividade: “por X tempo” marca o tempo transcorrido até um ponto de referência, não um telos.

leitura do livro), (20b) é uma sentença claramente detelicizada – segundo Basso e Pires de Oliveira (2010: 90), “um evento télico representado no aspecto perfectivo não garante o alcance do telos, apenas diz que o evento não está mais em curso”. Para os autores, a interpretação de que o telos foi alcançado é uma implicatura, e é exatamente por isso que a negação do alcance do telos é possível com uma sentença adversativa, como em (20c).

Não há dúvida de que a discussão colocada por Bertucci (2020) se aproxima muito da nossa ambição original, mas ainda há problemas insolúveis, em particular porque o autor está discutindo apenas sintagmas gerundivos ou participais na complementação de *ficar*, e não há como incluir nessa análise de maneira natural o caso de adjetivos puros, como os de (2b), (4b) ou (7a,c). Além disso, Bertucci (2020: 200) afirma que o particípio “contribui para uma leitura causativa”, por existir supostamente um evento causador implícito nas sentenças da forma *ficar*+particípio; contudo, a noção de causação em jogo precisaria ser muito larga para acomodar o cão apavorado (pelos fogos) de (14a) e o rapaz enamorado (pelos olhos da moça) de (2c). Na verdade, causação não parece ser a noção pertinente; o autor chega a mencionar outra noção, que talvez seja relevante: a de estado resultante.

Como notado por Bertucci (2020: 176), a pesquisa sobre *ficar* parece estar mais desenvolvida em trabalhos feitos para o português europeu (doravante PE). De fato, há um texto já clássico, Duarte & Oliveira (2010), que versa sobre diferentes tipos de participios no português: os eventivos (que se combinam com *ser*), os estativos (que se combinam com *estar*) e os resultativos (que prototipicamente se combinam com *ficar*). Para as autoras, *ficar* “marca o fim de um evento e o início de um estado resultativo” (p. 402). Essas construções se formam a partir de predicados télicos, exemplificados a seguir em (21a,b), razão pela qual são bastante degradadas quando nelas aparecem estados ou atividades, como se vê em (21c,d):

- (21) a. O espelho ficou quebrado.
b. A cidade ficou destruída.
c. *A Maria ficou amada.
d. *O carrinho ficou empurrado.

Há uma série de observações feitas pelas autoras sobre os diferentes tipos de particípio que mereceriam discussão aqui. Vamos notar apenas que os participios que

aparecem com *estar* e *ficar* se diferenciam dos que aparecem com *ser* porque possuem a capacidade de aceitar a recategorização do particípio em adjetivo, o que nos permite reunir essas duas categorias em uma só.

Finalmente, cabe uma menção à análise que as autoras oferecem para as construções resultativas: *ficar* seleciona tipicamente uma projeção funcional de tipo aspectual com o traço [+Fient], responsável pelas propriedades de eventividade que caracterizam essas construções. Assim, os particípios resultativos serão complemento dessa “categoria que funciona como um operador do tipo BECOME”, denominada por Embick (2004, *apud* Duarte & Oliveira 2010: nota 9) de *Fientive*.

Do que está dito nesses dois últimos parágrafos, uma conclusão clara emerge: se as construções resultativas recategorizam os particípios como adjetivos, é preciso dizer que a *small clause* adjetival selecionada por *ficar* incorpora essa projeção aspectual com o traço [+Fient], parente direto do conhecido operador BECOME. Mas o que dizer dos casos em que não é essa a interpretação em jogo?

4. PASSANDO A RÉGUA...

Depois dessa longuíssima digressão sobre *ficar*, é preciso avaliar o que, de tudo o que a literatura linguística traz, pode ser útil para responder a questão: é possível dar uma análise para *ficar*, atribuindo suas diferentes possibilidades de combinação e interpretações a características dos seus diferentes complementos?

Não há como negar que temos dois grandes grupos de complementos que *ficar* toma: os mais propriamente verbais (que incluem os gerúndios e os locativos) e os mais propriamente adjetivais (que incluem as SCs adjetivais mas também os particípios e os DPs).

O primeiro grupo é possivelmente o que mais imediatamente encontra explicação: *ficar* veicula fundamentalmente o seu “sentido histórico”, o mesmo significado que tem como “verbo principal”, que é o que exhibe com o PP locativo. As restrições de combinação advêm das peculiaridades lexicais dos gerúndios com que se combina – sim, o fato de ser um gerúndio ainda teria que entrar nessa conta, mas subtraímos dela, nesse momento, o aspecto gramatical em jogo...

Aqui, a análise que Bertucci (2020) apresenta é bastante convincente: dado o traço de permanência de *ficar*, sua combinação com predicados de atividades é perfeita, (22a); com *achievements* é necessário acionar a leitura iterativa e com

accomplishments é preciso neutralizar o telos de algum forma. E exatamente porque esse traço de permanência “dispara a leitura estativa das sentenças com *ficar*”, a combinação com predicados de estado é bizarra, porque não é razoável estativizar uma construção estativa; o que sobra para eles é a leitura resultativa, sobre a qual nos debruçaremos em um minuto:

- (22) a. O Pedro ficou correndo (por cinco horas) (=18a)
b. O Pedro ficou pondo e tirando o casaco (a tarde toda). (=19a)
c. João ficou lendo o livro a tarde toda, mas não terminou. (=20c)
d. Eu fiquei sendo a maior cdf da escola. (=9)

Portanto, se *ficar* sempre seleciona uma projeção aspectual na sua complementação, esse traço de permanência (que talvez possamos identificar a BE) responde pelo comportamento da construção quando o tipo categorial do complemento é preferencialmente [-N] – um verbo ou uma preposição, em resumo.

Por outro lado, se o tipo categorial do complemento é [+N], ou seja, adjetivos ou nomes, preferencialmente a projeção aspectual possui o traço [+Fient], que aqui deve explicar basicamente as construções agramaticais com *ficar*, em (23):

- (23) a. ?? A Maria ficou inteligente (=4d)
b. *O homem ficou culpado/católico (=5a,b)
c. *A reação ficou inesperada (=5c)
d. *A Maria ficou amada (=21c)
e. *O carrinho ficou empurrado (=21d)

A agramaticalidade das sentenças em (23a-c) deve ser atribuída ao fato de predicados de indivíduos não serem compatíveis com o traço [+Fient], que é, lembremos, parente próximo de BECOME – a possibilidade marginal de (23a) pode ser creditada à ironia com que o lampejo de inteligência de Maria é visto. A incompatibilidade de [+Fient] com predicados atélicos (estados e atividades) impede a interpretação resultativa para eles, o que explica a agramaticalidade de (23d,e).

Mais delicado é o contraste em (24); para um grupo de falantes, (24a) deve ser interpretada como a permanência do estado de celibato de Pedro, enquanto (24b) deve ser lida como o estado resultante de uma mudança ocorrida anteriormente:

- (24) a. O Pedro ficou solteiro. (=7a)
b. O Pedro ficou viúvo. (=7c)

Mas há um grupo de falantes que é ainda mais surpreendente, pois aceita ambas as interpretações para qualquer uma das sentenças, desde que o contexto adequado seja fornecido. E assim toda a nossa esperança de relacionar interpretações e estruturas frasais se vê comprometida...

É possível que, nesse estágio no nosso conhecimento, não seja possível oferecer uma análise para *ficar*, porque de qualquer modo será necessário dizer que, independentemente do tipo categorial ou semântico do seu complemento, *ficar* pode engendrar duas estruturas gramaticais distintas, ou, talvez, a mesma estrutura frasal, mas com uma projeção aspectual capaz de portar distintas caracterizações – numa palavra, portadora do traço BE ou do traço BECOME. A compatibilidade dessas diferentes caracterizações com as propriedades categoriais e semânticas particulares desses complementos produz os resultados visíveis – por exemplo, se o complemento é um verbo estativo (que não pode ser “estativado” uma segunda vez), o traço BE está excluído da projeção de aspecto; a gramaticalidade de (25), no entanto, sugere que o traço BECOME pode aparecer ali e permitir a leitura resultativa para ele:

- (25) Arquibaldo ficou sabendo de tudo. (=14b)

Contudo, *saber* não é um predicado télico, o que supostamente é uma exigência deste traço, porque se o complemento é um adjetivo derivado de um verbo estativo, o traço BECOME na projeção aspectual não é mais uma opção:

- (26) *A Maria ficou amada (=21c)

Aqui as observações são um tatear no escuro: (26) é uma construção “passiva”, no sentido de que é o argumento interno do predicado *amar* que figura na posição de sujeito; na “forma ativa”, as sentenças com predicado estativo e também de atividade são perfeitas com *ficar* seguida de gerúndio, sempre com a interpretação resultativa, como vimos anteriormente em (25):

- (28) a. O João ficou amando a Maria (a partir daquele instante).
b. A Maria ficou acariciando o cachorro (a tarde toda).

É possível que a explicação para este fenômeno tenha algo a dizer igualmente sobre o contraste que vimos em (24), dado que ficar solteiro parece ser uma decisão que alguém toma, enquanto ficar viúvo é uma contingência da vida⁶...

REFERÊNCIAS

BASSO, Renato; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. “Em x tempo” e “por x tempo” no domínio tempo-aspectual. *Revista Letras*, n. 81, 2010.

BERTUCCI, Roberlei Alves. A aspectualidade estativa de “ficar”: uma análise dos casos com gerúndio e participípio. *Scripta*, vol. 24, n. 51, 2020.

CASTILHO, Ataliba; FERNANDES, Flávia. Analisando multissistemicamente o verbo *ficar* na história do português paulista. *Estudos Linguísticos*, vol. 41, n.2, 2012.

DUARTE, Inês; OLIVEIRA, Fátima. Participípios resultativos. *Textos selecionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL 2010.

LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de auxiliaridade. IN: LOBATO, L.M.P. et. al. *Análises linguísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975.

MEDEIROS, Alexandre Boechat. *Traços morfossintáticos e subespecificação morfológica na gramática do português: um estudo das formas participiais*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro (Brasil): Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

PONCE, Maria Harumi; BURIM, Sílvia Andrade; FLORISSI, Susanna. *Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação*. São Paulo: SBS Editora, 2004.

REBOUÇAS, Rute Alexandra Félix. *Sobre o verbo ficar em construções progressivas*. Dissertação de mestrado. Porto (Portugal): Universidade do Porto, 2019.

TRAUTWEIN, Mariana. *Dependências morfossintáticas entre núcleos verbais em sequência e a dupla realização do sujeito: auxiliares como verbos de controle*. Dissertação de mestrado. Paraná (Brasil): UFPR, 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Ed. UFU. 2016. Versão online, acessada em 04/01/2023.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. Auxiliary and aspectualizer verbs: some syntactic and semantic distinctions. *Revista Letras (Curitiba)*, n. 73, 2007.

⁶ Agradeço essa sugestão à audiência do *Séminaire de Recherche* do Departamento de Linguística da Universidade de Genebra onde tive a oportunidade de apresentar uma versão anterior dessa pesquisa.